

**PARA UMA SEMIÓTICA DA TÁTICA NO FUTEBOL DE CAMPO:
UMA ANÁLISE DA SELEÇÃO HOLANDESA NA COPA DO MUNDO DA FIFA DE 1974**Diego Frank Marques Cavalcante¹
Eneus Trindade¹**RESUMO**

A dinâmica do futebol profissional é marcada pelo rendimento e competitividade. Neste contexto, a tática é reconhecida como um aspecto decisivo para a eficácia do jogo. O objetivo deste artigo é contribuir para a investigação da tática no futebol por meio da abordagem semiótica, que tem o objetivo de investigar os fenômenos através das ações dos signos. Por sua vez, a função dos signos é tornar eficientes as relações ineficientes - a este processo inteligente dá-se o nome de semiose. Nesta abordagem, a tática é entendida como uma mente coletiva que influencia formas específicas de orquestrar os movimentos dos jogadores. Propomos um método semiótico que deve identificar e analisar esta ação do signo na tática do futebol. Para identificar efeitos dos processos de semiose é necessário observar regularidades nas formas de combinar os movimentos, sendo a aludida regularidade o sintoma da ação de um signo. Para a análise é necessário entender o contexto que aciona a semiose, os espaços do campo e os jogadores envolvidos, além da forma de combinar os deslocamentos entre os jogadores. Utilizamos este método para analisar a seleção da Holanda que participou da copa do mundo da FIFA de 1974. Investigamos a semiose tática, que denominamos triângulo em trilha de finalização. Constatamos que esta forma de ação do signo foi responsável por 40% dos gols da Holanda na copa do mundo de 1974.

Palavras-chave: Semiose. Mente. Linguagem.

1-Escola de Comunicações e Artes (ECA), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil.

E-mail:
marquesdiego@usp.br
eneustrindade@usp.br**ABSTRACT**

For a semiotics of the tactic in soccer: a analysis of Netherlands team in the FIFA World Cup in 1974

The dynamic of professional soccer is characterized for high performance and competitiveness. In this context, the tactic is recognized how as a decisive aspect for performance of the game. The purpose of this article is to contribute for investigation of tactics in soccer through semiotic approach. The aim of semiotics is to investigate a phenomenon through the action of signs. The function of the signs is to make efficient the inefficient relations. This efficient process is denominated semiose. In this approach, the tactic is understood as a collective mind. This mind influences specific ways of the players' movement coordination. We propose a semiotics method that should identify and analyze the action of the signs in soccer tactics. To identify effects of process of semiose is necessary observing the regularities in way of to combine movements during the games. The regularity is a symptom of action of signs. For this analysis is necessary to understand the context that activates the semiose; the free spaces in soccer field and participating players and the way of the players combine their movements. We utilize this method to analyze the Netherlands soccer team at the FIFA World Cup in 1974. We investigated the tactic semiose, which we called "triangle in finalization path". We note which this form of action of the sign took at 40% of Netherlands goals in World Cup of 1974.

Keywords: Semiose. Mind. Language.Endereço para correspondência:
Rua Frei Inácio da Conceição, 500, Vila São Luis- São Paulo, SP.
CEP: 05362-040.

INTRODUÇÃO

A intensa profissionalização do futebol está associada aos investimentos decorrentes de sua inserção na lógica de mercado e a sua divulgação pelos meios de comunicação. Em consonância com o investimento e a visibilidade, acentua-se a cobrança por resultados. Para Giulianotti (2002), neste contexto, a disciplina e, sobretudo, a organização tática passam a ser representados como pressupostos fundamentais para o alto rendimento.

A tática no futebol passa a ser investigada por abordagens distintas, tendo em vista sua compreensão, otimização e suas relações socioculturais. Há importantes contribuições inspiradas na teoria dos jogos, como a desenvolvida por Greco (1992) ou baseada nas teorias dos sistemas complexos e cognitivos, como Garganta (1997). As mais conhecidas são as que privilegiam o posicionamento e as funções dos jogadores. Estas relações são representadas por sequências de números: 3-5-2, 4-4-2, por exemplo (Lodziak, 1977).

A abordagem semiótica vem ampliando seu escopo de objetos de investigação. Na esteira da semiótica desenvolvida por Santaella (2002, 2006) propõe um método para analisar a publicidade, imagens de vídeo instituições, música e dança. No contexto futebolístico, Cavalcante (2010, 2011) investigou a ação do signo na ocasião do drible, examinando lógicas distintas de ação mental por meio da análise dos movimentos dos jogadores.

Segundo Peirce (1998) a semiótica se ocupa em estudar a estrutura lógica da ação do signo, ou como este deveria funcionar para gerar efeitos significantes. Para o autor, o signo é triádico, possui três referências - signo, objeto e interpretante. A relação destas três referências pode ser simplificada da seguinte forma: o signo é uma coisa (signo) que está no lugar de outra (seu objeto) gerando um efeito sobre alguma mente (interpretante). Nesta relação se desencadeia um processo inteligente que o autor chama de semiose, definida como um processo mental evolutivo orientado para fins específicos.

Peirce (1998) cita um exemplo simples para compreender este processo. Trata-se da situação na qual o evento A gera o evento B que resulta em um evento C. Se A age

diretamente em B e este diretamente sobre C, configura-se uma relação meramente reativa. Por outro lado, se o evento A produz B para gerar um efeito C, caracteriza-se uma relação triádica (mediada). Nesta dinâmica, C (interpretante) é predicado da mediação de B (signo) em sua relação com A (objeto), tendo em vista um objetivo. A ação do signo, enquanto completa, é uma mediação inteligente. Sua função é tornar eficientes as relações ineficientes.

Peirce (2000) entende como objeto o contexto e os elementos que determinam a ação do signo. O objeto dinâmico se refere aos aspectos ambientais que estão fora da ação do signo, mas que agem sobre ele, reivindicando sua mediação inteligente. Nesse sentido, no contexto da tática no futebol, o objeto dinâmico corresponde a um contexto de jogo, movimentos dos jogadores, regiões do campo e posição da bola.

Para facilitar a compreensão da semiose tática no futebol, denominaremos dois times que duelam: time A e time B. Suponhamos que a equipe A detenha a posse da bola e a equipe B se defenda. Os jogadores de A orquestram um deslocamento. Os efeitos destes deslocamentos seriam o objeto dinâmico para a equipe B.

Estes elementos afetam a equipe B, que desenvolve o processo de semiose. Nesta trama, o signo tático "coloca no lugar" da intempestividade cinésica emanada por A (objeto dinâmico), mediações que possibilitam a B (interpretante) inferir o possível desenvolvimento dos movimentos de A e associar a uma combinação de deslocamentos efetivas para esta ocasião.

Peirce (1998) designa como interpretante dinâmico o efeito real da ação do signo em dado contexto. Neste sentido, os movimentos coordenados realizados por B seriam o interpretante dinâmico na ação do signo. No seguimento da jogada, as movimentações coordenadas de B, por sua vez, tornar-se-ão objeto dinâmico em relação ao time A. Este último, afetado pelas movimentações de B, dará continuidade ao processo de semiose, gerando novas orquestrações inteligentes sob a ação do signo.

A efetividade da ação do signo depende do conhecimento colateral dos jogadores, suas capacidades técnicas e de raciocínio. Em outros termos, o que está em

jogo é quanto o treinamento possibilitou o compartilhamento de conhecimento entre os jogadores em dadas situações de jogo, a capacidade de adaptar a situação treinada ao contexto real de jogo e a destreza motora para realizar o movimento com efetividade. O jogo tático de futebol, do ponto de vista semiótico, é um duelo de inteligências coordenadas influenciadas pela ação do signo, tendo em vista a evolução efetiva da jogada.

O objetivo deste artigo é contribuir para a investigação de processos de semiose tática no futebol. Trata-se de um método que busca identificar, descrever e analisar ações do signo em sua influência no orquestramento de deslocamentos dos jogadores de um time em dadas ocasiões.

MATERIAIS E MÉTODOS

Amostra

Para esta pesquisa foram utilizadas imagens dos jogos da seleção holandesa de futebol na copa do mundo da FIFA de 1974. Eis os jogos observados: Holanda vs Uruguai; Holanda vs Suécia; Holanda vs Bulgária; Holanda vs Argentina; Holanda vs Alemanha Oriental; Holanda vs Brasil; Holanda vs Alemanha Ocidental.

O método Semiótico

Santaella (2002; 2006) vem desenvolvendo uma abordagem aplicada para a semiótica de Peirce que, de princípio, era essencialmente teórica. Segundo a autora, a semiótica se torna uma metodologia na medida em que seus recursos possibilitam analisar processos como governados pela ação do signo. Para isto, a autora se vale do primeiro ramo da semiótica elaborada por Peirce: a gramática especulativa. Este ramo é uma teoria geral para todas as espécies possíveis de signos, suas relações e efeitos. Assim, disponibiliza uma estrutura lógica detalhada de como deveriam agir os signos para gerarem significações, denotações e interpretações.

Para Santaella (2002) quando fenômenos apresentam, em seus processos, a estrutura lógica da ação do signo, podem ser investigados por meio de um método semiótico. A autora propõe que a ação do signo pode ser investigada a partir de três

perspectivas - destacando o signo em si mesmo (significação); a determinação do signo pelo objeto dinâmico (objetivação); ou os efeitos interpretantes do signo (interpretação). Neste artigo, focaremos no ponto de vista da objetivação. Trata-se de investigar a ação inteligente do signo tático determinada por contextos específicos de jogo. O método destaca a ação do signo em um time específico.

Peirce (2000) designa como segunda tricotomia a que estuda a relação do signo com seu objeto dinâmico. Esta tricotomia divide os signos em símbolos, índices e ícones. Para que a ação do signo seja completa, deve haver inter-relação entre estas três formas de signos. Cada tipo de signo tem funções específicas que colaboram para o processo efetivo de semiose.

O símbolo é um signo que se refere ao seu objeto dinâmico em virtude de uma lei ou hábito. Para Peirce (1998) a lei deve ser pensada de forma generosa, e são tendências ou influências que devem governar as possíveis ocorrências. O hábito é uma lei da mente que funciona associando ideias: quando dada situação desponta, dada predição deveria ser usada, tendo em vista um objetivo. A presença de um símbolo é fundamental para que se desenvolvam inferências autocontroladas. Peirce (1998) chama de profundidade lógica a complexidade predicativa derivada dos raciocínios governados por um símbolo.

O símbolo, em essência, é potencial, pois influencia situações, objetos e sujeitos gerais - não é sua função indicar e informar sobre contextos reais. Para tanto, ele precisa de índices que denotem objetos e sujeitos reais e ícones que forneçam qualidades de informação e sentimentos de reconhecimento da ocasião real.

Para Peirce (2000) o índice é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por este objeto. O índice chama a atenção para os sujeitos e aspectos reais e os copula em uma proposição. Os índices conectam ao símbolo os sujeitos e objetos que serão influenciados pelo hábito mental. Peirce (1998) chama de amplitude lógica os sujeitos e objetos reais envolvidos na ação do símbolo. No entanto, os índices, em essência, apenas denotam aspectos do real, não possuem qualidades de

informação ou de sentimento, para isto são necessários ícones.

Segundo Peirce (1998) ícones são signos determinados por seu objeto dinâmico em virtude de suas qualidades específicas. Para comunicar qualquer ideia são necessários ícones, que por sua vez devem acionar a ação do hábito. Sugerem o contexto no qual o hábito deveria agir por meio do sentimento de reconhecimento da ocasião. Trata-se de reconhecer a qualidade de um contexto específico como semelhante aos que, em geral, são influenciados pelo hábito.

Os ícones disponibilizam qualidades informativas para os índices para que estes preencham seus aspectos denotativos com informações do objeto dinâmico. Os símbolos também precisam das informações icônicas para serem manipulados pela ação do hábito mental. Neste sentido, para a ação completa do signo é necessário a inter-relação das três formas de signos.

Método semiótico para a análise da tática no futebol

O método intenta investigar o comportamento tático de determinado time do ponto de vista da ação do signo. Deve identificar, descrever e analisar o processo de semiose tática. Para isso, é preciso compreender como deveriam agir os símbolos, índices e ícones no contexto da tática no futebol.

O símbolo tático, por meio do governo de seu hábito ou lei, deve mediar as intenções dos jogadores para que, em situações gerais de jogo, formas específicas de combinar deslocamentos possam ser inferidas tendo em vista uma organização da jogada. Neste sentido, quanto mais complexas, variadas e efetivas as formas de combinação, maior a profundidade lógica de um dado símbolo tático.

Os índices táticos denotam os aspectos do jogo que devem ser influenciados pelo símbolo e devem gerar uma atenção recíproca entre os jogadores envolvidos na jogada, além da bola, dos espaços e das movimentações dos adversários. Os índices táticos, portanto, conectam os jogadores e os espaços envolvidos na jogada e os inserem na ação do hábito simbólico.

Os ícones táticos sintetizam, por meio de suas qualidades específicas, sentimentos

de reconhecimento que sugerem ao símbolo tático que determinado contexto de jogo é semelhante ao generalizado pelo hábito, acionando-o. Por meio de suas qualidades, os ícones informam também sobre os movimentos dos jogadores, regiões do campo, posicionamento das traves, em suma, os aspectos do jogo. Algumas destas qualidades são conectadas e denotadas pelos índices e governadas pela lei do símbolo.

Segundo Peirce (1998) a mediação do hábito pode ser identificada por meio das ações que ele governa. O autor as designa como réplicas, que não são meros reflexos do símbolo ou idênticas entre si, pois derivam de uma complexa relação entre a influência geral do hábito e as resistências específicas de cada ocasião. Neste sentido, as réplicas devem trazer gradações de regularidade (em função da influência da lei) e ocasionais (específicos da resistência do real) e também podem ajudar no refinamento do hábito, pois sua ocorrência é um teste para a eficiência da ação do signo. No caso de ineficiência, o hábito deve ser aperfeiçoado.

Para identificar as leis de um símbolo tático, deve-se observar as jogadas e perceber gradações de regularidade nas formas de combinação das movimentações. Para identificar os indícios táticos, deve-se destacar os jogadores que geralmente participam destas jogadas e em quais regiões do campo. Para determinar a ação do ícone, de forma específica, seu sentimento de reconhecimento, deve-se identificar as ocasiões que acionam as combinações de deslocamentos governadas pelo hábito.

A análise semiótica da tática deve se concentrar nas jogadas identificadas pelo método descrito. Nestas jogadas, deve-se examinar como os ícones, índices e símbolos se relacionam. Trata-se de examinar as relações entre a situação que desencadeia a ação do signo, os jogadores envolvidos e as regiões do campo, e as formas como os deslocamentos são orquestrados.

RESULTADOS

A partir da observação das imagens dos jogos da Holanda na copa do mundo de 1974, optamos por focar nas jogadas ofensivas holandesas. Utilizando o método de identificação descrito, foram identificadas duas formas regulares de ações dos signos táticos.

Neste artigo, analisamos uma destas semioses, a qual denominamos triangulação em corredor de finalização. Esta ação sígnica foi responsável por seis dos 15 gols da Holanda na copa do mundo de 1974, além de diversas jogadas que não resultaram em gol por falhas técnicas na finalização da jogada.

A partir da identificação das jogadas influenciadas pelo signo tático, passamos para o método analítico e investigamos como símbolo, índice e ícones nelas funcionam. O primeiro passo foi examinar o reconhecimento icônico das jogadas, ou em que ocasiões a ação deste signo é acionado. A situação era a seguinte: ataque da seleção holandesa; próximo aos limites laterais da grande área adversária; pelo flanco direito ou esquerdo.

Nesta jogada, os índices táticos geralmente conectam à situação descrita

acima, quatro jogadores sob a influência do símbolo tático: Cruijff, Nieskens, Rep e Rosenbrink. Chamaremos estes jogadores de A, B, C e D para facilitar a análise, uma vez que podem estar em posições lógicas diferentes ou, em alguns casos, um deles não participar da jogada.

A denotação tática é a seguinte: O jogador A deve estar com a bola em um dos flancos próximo a grande área Adversária. O jogador B deveria se colocar em uma extremidade mais avançada do flanco em que se desenvolve a jogada. Os jogadores C e D devem estar posicionados ao centro e no flanco oposto. A ação do símbolo se desenvolve quando o jogador A (de posse da bola) transfere a bola para o jogador B. Nesta ocasião, há dois aspectos de coordenação na ação do símbolo: horizontal e vertical.

Tabela 1 - Jogos da Holanda na Copa do Mundo de 1974.

Time da Holanda	vs	Time adversário	Resultado do Jogo	Gols sob a influência do símbolo tático
Holanda	vs	Uruguai	2-0	2
Holanda	vs	Suécia	0-0	0
Holanda	vs	Bulgária	4-1	1
Holanda	vs	Argentina	4-0	1
Holanda	vs	Alemanha Oriental	2-0	0
Holanda	vs	Brasil	2-0	2
Holanda	vs	Alemanha Ocidental	1-2	0

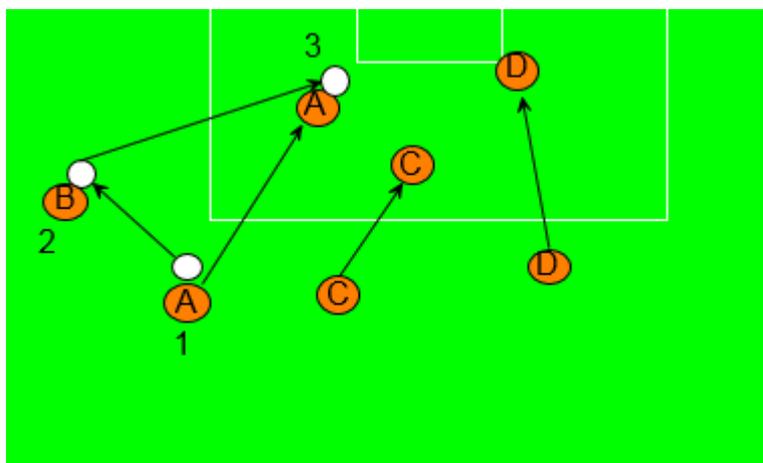


Diagrama 1 - Os círculos em laranja representam os jogadores holandeses envolvidos na ação do signo. O círculo branco indica o posicionamento da bola. Os números 1, 2 e 3 indicam a sequência de desenvolvimento da jogada. As setas representam as transições de posições da bola ou dos jogadores. Na jogada simulada no diagrama, B escolhe o jogador A para finalizar a jogada.

Da perspectiva horizontal, quando a bola chegar no jogador B (bola que fora transferida por A), A deve seguir para a primeira trave, o jogador C deve se posicionar no centro e o Jogador D na segunda trave. Do ponto de vista vertical: se o jogador A estiver mais próximo da linha de fundo adversária, B e C deveriam se posicionar em distâncias distintas em relação à linha de fundo. Estas permutações ocorrem em consonância com o posicionamento de A.

Quando esta combinação é realizada, o jogador B (no flanco do campo) observa a grande área adversária e escolhe o jogador melhor posicionado para passar a bola. O diagrama I mostra as possíveis predicções no flanco esquerdo. As mesmas combinações valem para o flanco direito.

Na ação do signo analisada são orquestrados o movimento da bola do flanco para o centro da área adversária realizado por B, com os deslocamentos coordenados dos três jogadores (A, B e C) em direção à baliza adversária em distintas posições. A combinação da movimentação de A com B se assemelha à forma geométrica de um triângulo. As combinações entre A, B e C formam uma espécie de trilha de possíveis finalizações, motivo pelo qual denominamos esta forma de ação do signo de triangulação em trilha de finalização da jogada.

A eficácia desta signiose tática deriva do caráter inovador do seu hábito de orquestração para a época (década de 1970). Sua forma de combinação substitui o cruzamento pelo passe na linha de fundo. No cruzamento, prioriza-se a velocidade na transição da bola para o atacante na área. No passe pelos flancos, a jogada é mais lenta. O jogador que fará a transição da bola para a área, privilegia a observação do posicionamento dos atacantes e a precisão do passe. A desmarcação é resultado da coordenação dos deslocamentos dos atacantes e seu reposicionamento inteligente: oferecendo distintas possibilidades de finalização.

A partir da observação das relações internas do diagrama é possível identificar os gols influenciados pela ação do signo. No jogo entre Holanda e Uruguai, a jogada do primeiro gol se desenvolve pelo flanco direito, Crujff faz o papel de (A), Suurbier (B), Rep (C) e Nieskens (D). Rep (C) faz o gol. No segundo

gol deste jogo, a jogada se desenvolve pelo flanco esquerdo, Hanegem funciona como A, Rosenbrik (B), Rep (C) e Crujff (D). Rep (C) faz o gol. No jogo contra a Bulgária, o pênalti que originou o primeiro gol derivou desta jogada, Rosenbrink funciona como (A), Crujff (B), Nieskens (C) e Rep (D). Quando Crujff (B) vai fazer a transição de bola para o centro da área, sofre o pênalti.

No jogo contra a Argentina, no terceiro gol da Holanda no jogo, Krol funciona como (A), Crujff (B), Suubier (C) e Rep (D). Rep (D) faz o gol. No jogo contra o Brasil, Nieskens funciona como (A), Crujff (B), nesta ocasião, os jogadores C e D estão mais distantes do que o habitual, não é possível sua identificação pelos planos televisuais. Nieskens (A) faz o gol. No segundo gol desta partida, a jogada é desenvolvida pelo flanco direito, Rosenbrink funciona como (A), Krol (B), Crujff (C) e Rep (D). Crujff(C) faz o gol.

DISCUSSÃO

Este método contribui para a investigação detalhada das jogadas táticas pensadas como ações do signo. As combinações regulares e efetivas dos movimentos são efeitos do aperfeiçoamento de cognição estendida, desenvolvida entre os jogadores por meio do treinamento. A identificação e análise dos ícones, índices e símbolos táticos, possibilita investigar a forma como os jogadores raciocinam coletivamente, quais jogadores geralmente estão envolvidos em que regiões do campo e quais situações acionam a jogada.

A partir desta investigação é possível pensar em estratégias e táticas para anular as principais jogadas do adversário e forçar seus jogadores a arriscarem, aumentando sua probabilidade de erro. O método também pode contribuir para a investigação do próprio time. Conhecendo os símbolos táticos já desenvolvidos entre os jogadores, é possível projetar novas combinações, contextos ou jogadores envolvidos.

Esta investigação foi baseada em imagens televisuais, portanto, a análise se reduz aos movimentos dos jogadores dentro desses planos, onde aspectos importantes das movimentações táticas podem ser ocultados. Uma possibilidade para a resolução deste problema é a gravação do jogo ou treinamento

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

utilizando um plano que permita a visão panorâmica do campo.

É importante destacar que não estamos propondo que as ações táticas são estritamente regulares ou mecânicas. Tal conclusão seria antípoda à abordagem semiótica que investiga processos mentais, de inteligência e evolução. Do ponto de vista semiótico, há coexistência de acaso, reatividade e mediação; o que caracteriza a ação do signo é a predominância de um destes aspectos.

O foco do método é investigar semioses em sua plenitude agindo sobre ações coletivas, com predominância da mediação. Volta-se para a investigação de cognições associadas com gradações de regularidades em dado período espaço-temporal, no caso da análise aqui realizada, da seleção holandesa na Copa de 1974.

Tal como o modelo das sequências numéricas 3-5-2 e 4-4-2, da teoria dos jogos, dos sistemas complexos ou teorias cognitivas clássicas, a semiótica pode contribuir com sua abordagem específica. Oferece uma compreensão das ações táticas como linguagem estruturada logicamente pela ação dos signos.

CONCLUSÃO

A partir da compreensão da tática como processo de semiose, foi proposto um método para identificar, descrever e analisar os processos de inteligência tática no futebol. O método foi aplicado em uma das principais jogadas da seleção holandesa que disputou a copa do mundo de 1974. Acredita-se que a análise desenvolvida permite a compreensão do método para sua utilização ampliada em outros contextos, tendo, portanto, alcançado seu objetivo de contribuir por meio da abordagem semiótica para a investigação da tática no futebol

REFERÊNCIAS

1-Cavalcante, D. F. M. Estéticas espaciais no futebol brasileiro: para uma semiótica do drible. *Semiosis: semiótica e transdisciplinaridade em revista*. Edição 1. 2010.

2-Cavalcante, D. F. M. Faces do futebol arte no Brasil: Da sedução malandra à imaginação

tática. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora. 2011.

3-Garganta, J. Modelação tática do jogo de Futebol: estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto. Porto. 1997.

4-Greco, P. J. O Componente Tático. Material Didático do Curso de Mestrado em Ciências do Esporte. Escola de Educação Física da UFMG Belo Horizonte. 1992.

5-Giulianotti, R. Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo. Nova Alexandria. 2002.

6-Lodziak, C. Tacticas de futebol. Barcelona: Hispano Europeia. 1977.

7-Peirce, C. S. Antologia Filosófica. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. 1998.

8-Peirce, C. S. Semiótica. São Paulo. Perspectiva. 2000.

9-Santaella, L. Semiótica aplicada. São Paulo. Cengage Learning, 2002.

10-Santaella, L. Matrizes da linguagem e do pensamento: sonora, visual e verbal. São Paulo. FAPESP. 2005.

Recebido para publicação em 07/08/2014
Aceito em 10/11/2014